

# Educação como invenção II

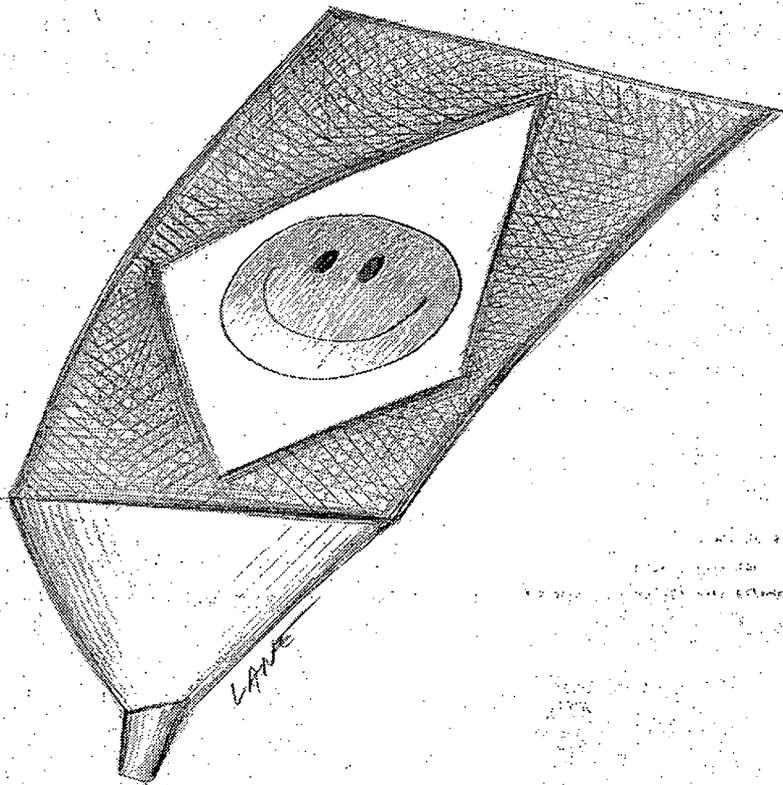
NO ÚLTIMO FINAL DE SEMANA, ADOLESCENTES DA BAHIA MOSTRARAM A FORÇA DA CULTURA COMO INSTRUMENTO DA CIDADANIA EM FESTIVAL DE ARTE PELOS DIREITOS HUMANOS

"Não assassine uma criança/Que ela é a esperança/Desse mundo/A falsa sociedade/Transforma a criança em vagabundo/São vocês mesmos que dizem/Que a criança é o futuro do Brasil". Esse é um dos versos cantados durante um encontro, realizado no último final de semana, que reuniu 30 entidades em Salvador, Bahia. E quando se fala em entidades da Bahia a primeira imagem que vem à cabeça é a de Oxalá, Oxum, Iemanjá, Iansã e outros. Mas na verdade, o encontro teve a participação de entidades que trabalham com arte-educação no I Festival O Adolescente e a Arte pelos Direitos Humanos, promovido pelo Cria - Centro de Referência Integral de Adolescentes.

Hoje, a maioria dos brasileiros só reconhece a Bahia como a terra da cultura de bunda da axé music. Ora, a axé music é a diluição de toda uma tradição de experimentação da cultura afro-baiana e está formando toda uma geração com cabeça de bunda. Mas o que poucos sabem é que a Bahia é hoje um dos mais importantes centros de experiências de arte-educação para a cidadania. O que se imagina quando se fala em educação para a cidadania? Em algo sério, grave, careta, chato. Pois bem, a revolução que os grupos da Bahia (e outros grupos espalhados por vários pontos do País) estão armando é a de incorporar a arte na educação e na cidadania e, portanto, transformar educação para a cidadania em um ato de invenção.

Os versos citados no início do artigo nada têm a ver com aquele tom de lamúria das canções de protesto dos anos 60. Eles entram junto com um batuque de arripir, uma energia de levantar defunto, uma vibração irrisível. É como se essa energia toda de violência dos adolescentes solta nas ruas fosse transformada em arte. Os projetos de arte-educação para a cidadania retomam o espírito da grande tradição experimental e libertária da cultura afro-baiana que vai de Gregório de Matos a Caetano Veloso, de Castro Alves a Glauber Rocha, do Olodum a Gilberto Gil, do Ylê Aiê aos Filhos de Ghandi, de Smetack a Raul Seixas. O que é a axé music diante de toda essa tradição da Bahia? Apenas uma trilha sonora para a alienação, violência, burrice, preguiça, omissão, bobagem.

O brincante Antônio Nóbrega abriu o evento com uma magistral aula sobre as ligações entre a capoeira e o maracatu. Nóbrega é, hoje, o mais completo artista brasileiro em atividade. Ele canta, dança, interpreta e improvisa com a mesma excelência. Nóbrega mostra o poder que um artista



tem de puxar sozinho o fio de toda uma tradição cultural. Na outra ponta, grupos como o Maracatu Nação Erê, de Pernambuco, incorporam o batuque como instrumento de educação na alfabetização de crianças e mobilização de adolescentes. Os grupos da Bahia e de Pernambuco estão recu-

perando toda uma pulsação da cultura étnica de tradição afro, uma das vertentes mais originais da cultura brasileira. Antes disso, crianças e adolescentes tinham vergonha da sua cultura e, portanto, do seu País. O objetivo não é formar gênios, mas sim educar com criatividade. No entanto, certamente esses movimentos podem funcionar como espaços de respiração e renovação cultural.

A exibição de um vídeo produzido pelo Liceu de Artes e Ofícios de Salvador sobre uma montagem da peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, realizada por adolescentes portadores de deficiência visual para reivindicar o direito ao namoro dentro das instituições que cuidam dos cegos, levantou a platéia do Festival. O vídeo, criado por adolescentes do Liceu, embala a trama shakespeariana do namoro de cegos com inserções de clássicos do rock romântico como *O Cupido*.

Esses são alguns exemplos do poder da cultura para despertar a

**G**rupos da Bahia e de Pernambuco estão recuperando toda uma pulsação da cultura étnica de tradição afro

paixão civil, detonar preconceitos, mobilizar para a cidadania. E não é só na Bahia que as pedras estão rolando. Em vários pontos do País, organizações não-governamentais criaram projetos de arte-educação para a cidadania enraizados na cultura local. O movimento de arte-educação é o

fato social mais importante deflagrado nos anos 90. As organizações não-governamentais estão realizando de fato a tal educação transversal, educação para a cidadania, educação para a vida, que os teóricos da pedagogia e o Governo idealizam.

A vitalidade desse movimento não surgiu por acaso. Ela é resultado de uma experiência de 10 a 15 anos enfrentando o desafio de educar para a cidadania em sintonia com a sensibilidade dos jovens. Toda essa energia criadora não pode permanecer confinada ao circuito alternativo. Os resultados dessas experiências são comprováveis em fatos, números, depoimentos, mobilização e paixão que despertam. Só falta o Governo acordar e incorporar esta tecnologia social ao sistema de educação formal na forma de parcerias. Seria a maneira mais inteligente de transformar a escola em um espaço de invenção, qualificação, prazer, cidadania, civilidade.